

CATEGORIA MODALIDADE: CONSIDERAÇÕES TIPOLÓGICAS E ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO¹

Alexandra Araújo ^{*}
Márluce Coan ^{**}

RESUMO: Neste artigo, tratamos, inicialmente, da categoria Modalidade, a partir da correlação com o Complexo Tempo, Aspecto e Modalidade. Na sequência, referimos-nos aos conceitos de Modo e Modalidade, seguidos de exemplos nas línguas naturais, bem como listamos tipologias de Modalidade. Ao final, com base em uma coleção didática utilizada no Ensino Fundamental, apresentamos resultados obtidos na análise da categoria Modalidade expressa por verbos. As questões analisadas referem-se à diferença entre Modo e Modalidade, à correlação dos Modos ao contexto de uso, aos efeitos de sentido e à correlação forma-função.

PALAVRAS-CHAVES: Modalidade; Modo; Ensino.

ABSTRACT: In this paper, we deal with Modality category, from the complex Time, Aspect and Modality. We focus Mood and Modality, followed by examples in natural languages, and Modality types. At the end, based on a collection used in teaching elementary school, we show results obtained from analysis of the Modality category expressed by verbs. The issues discussed relate to the difference between Mood and Modality, the correlation of the Moods to use context, the effects of meaning and the correlation between form and function.

KEYWORDS: Modality; Mood; Teaching.

INTRODUÇÃO

A categoria Modalidade é, frequentemente, estudada em pesquisas que a correlacionam com o Complexo Tempo, Aspecto e Modalidade, doravante TAM, categorias fundamentais para a atualização do processo verbal, segundo Almeida (1988). Considerada por muitos autores, a exemplo de Neves (2006), como uma categoria discursiva, a Modalidade, em termos

¹ As considerações aqui apresentadas integram as seções 4.1 e 6.1 da dissertação intitulada *“A categoria Modalidade em Livros Didáticos de Língua Portuguesa e de Língua Francesa*, de Alexandra Araújo, orientada pela Prof.ª. Dra. Márluce Coan.

^{*} Mestre em Linguística – UFC; Integrante do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada (GESLA- UFC) e do Grupo de Pesquisas em Sociolinguística (SOCIOLIN-CE/UFC); Professora de Francês no Centro de Língua e Cultura Francesa Danielle Mitterrand, em Macapá-Amapá.

^{**} Doutora em Linguística – UFSC; Coordenadora do Grupo de Pesquisas SOCIOLIN-CE/UFC; Professora do Departamento de Letras Vernáculas/UFC e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UFC).

gerais, corresponde à atitude do falante em uma situação de interação. Diz respeito às características que envolvem “modalmente” a ação, conforme esta se apresenta ao nosso juízo, ao nosso sentimento ou mesmo à nossa vontade. Embora o estudo da Modalidade passe, necessariamente, pela categoria Tempo, a atribuição de um valor modal a uma marca temporal confere à proposição noções de certeza/incerteza, probabilidade, possibilidade, pressuposição, necessidade, obrigação, permissão, proibição, dentre outras. Em: *Ele deve chegar amanhã por volta de 23h*, há indicação modal de possibilidade + indicação de tempo futuro.

Embora muitas pesquisas linguísticas tenham contribuído para mudar a realidade do ensino de línguas, percebe-se, ainda, um ensino de base estruturalista. Sendo a língua um construto social, determinada pelas situações de comunicação real em que há falantes e ouvintes interagindo, o ensino-aprendizagem deve ser analisado não somente sob o viés estrutural, mas também e, sobretudo, funcional. Uma língua deve ser estudada com base em seu uso, considerando os fatores que interferem, durante a interação comunicativa, na escolha de diferentes estruturas, além de aproximar a pesquisa linguística das práticas cotidianas de sala de aula, e dar maior importância ao ensino funcional de categorias gramaticais, como é o caso da Modalidade.

Para que uma língua constitua referência cultural e sociopolítica, de acordo com Mira Mateus (2006, p. 5), há a necessidade, por parte dos governantes e dos profissionais da área, de definir, efetivar e assumir uma opção política de língua que crie objetivos gerais, gerando discussões que culminem propriamente nas ações. Sendo uma das finalidades do ensino, o desenvolvimento de um repertório linguístico no qual têm lugar todas as capacidades linguísticas, a oferta de ensino de línguas deve ser diversificada, pois a aprendizagem de uma língua motiva o aluno a enfrentar novas experiências linguísticas dentro e fora do meio escolar. A língua deve ser descrita tal como ela é usada, relacionando forma e função, para identificar e classificar os componentes principais da competência linguística.

Neste artigo, tratamos, inicialmente, de uma abordagem da categoria Modalidade, a partir da correlação com o Complexo Tempo, Aspecto e Modalidade, considerando-se as noções modais que envolvem essa categoria discursiva e as situações de comunicação para o ensino de línguas. Na sequência, referimo-nos aos conceitos de Modo e Modalidade considerados por estudiosos, seguidos de exemplos nas línguas naturais, bem como listamos tipologias de Modalidade. Na última seção, com base em uma coleção didática utilizada no Ensino Fundamental, apresentamos resultados obtidos na análise da categoria Modalidade expressa por verbos.

MODALIDADE

O estudo dessa categoria gramatical, tema que desperta bastante interesse entre os pesquisadores do campo da Linguística, teve início na Lógica Formal. A caracterização clássica da Modalidade encontra base na Lógica Filosófica e se divide em três tipos: alética (que se relaciona ao valor de verdade das proposições); deôntica (que se relaciona à conduta) e epistêmica (que se relaciona ao eixo do conhecimento). A alética, primeira noção de modalidade, surgiu a partir das modalidades *do necessário* e *do possível*. Considerando estudos sobre Modalidade na perspectiva dos lógicos, as noções de necessidade, de possibilidade e de probabilidade são agrupadas para facilitar o modo como eram desenvolvidas, isto é, as implicações dos conceitos oriundos dos modelos idealizados pelos lógicos.

Givón (1984) ressalta, também, a ligação entre as categorias de Tempo e Modalidade. O passado e o presente são Tempos *realis* (fato) e o futuro, por sua vez, é um Tempo *irrealis*. Para o autor,

Esta assimetria sistemática entre o passado (fato, verdade, certeza) e o futuro (possível, incerto, confuso) percorre a gramática em vários níveis [...]. Assim, a modalidade IRREALIS coincide bastante em uma extensão com o FUTURO. As razões mais prováveis disto são cognitivas, tendo a ver com diferenças na intensidade e estabilidade da representação cognitiva dos eventos memorizados *versus* imaginados. (p. 278)

MODO/MODALIDADE

Para Dubois (1973, p. 415), ‘Modo’ é uma categoria gramatical, em geral associada ao verbo, e que traduz (1) o tipo de comunicação instituído pelo falante entre ele e seu interlocutor (estatuto da frase) ou (2) a atitude do falante com relação aos seus próprios enunciados. Explica que, no primeiro caso, o *modo* ou *modalidade* da frase se exprime pela oposição entre (a) a asserção expressa na frase assertiva, como nos exemplos: - Paulo *vem*. - Paulo *não vem*; (b) a interrogação em uma frase interrogativa: - Paulo *vem?* - Paulo *não vem?*; e (c) a ordem ou o desejo expresso em uma frase imperativa ou optativa, afirmativa ou negativa. O modo da ordem e do desejo em Português é o imperativo ou o subjuntivo: - Paulo, *vem*. - *Que Paulo possa vir amanhã*. Em outras línguas, a ordem é expressa pelo modo imperativo e o desejo, pelo modo optativo. Mas, nem sempre, a ordem é expressa unicamente pelo modo imperativo, por exemplo: em inglês - *Another bottle!*; Em francês - *Une autre bouteille!*², exemplo de JESPERSEN

² Uma outra garrafa! (Tradução das autoras).

(1971, p. 448); - ou ainda - em alemão: *Wollen wir gehen*; – em francês -: *On y va*³, exemplo de JESPERSEN (1971, p. 448). De acordo com Jespersen (1971, p. 447): « *le mode est par conséquent une catégorie syntaxique et non une catégorie notionnelle* »⁴.

Em relação ao termo ‘Modalidade’, Dubois (1973, p. 413 e 414) enumera cinco acepções: (1) Como sinônimo de modo, a *modalidade* define o estatuto da frase: asserção, ordem ou interrogação. (2) Para Charles Bally, numa análise lógica da frase, a *modalidade* é uma série de elementos que indicam que o *dictum*, processo puro e simples considerado como desembaraçado de toda intervenção do falante, é julgado realizado ou não, desejado ou não, aceito com alegria ou desgosto. Acrescenta que toda frase é, portanto, caracterizada por uma modalidade aparente ou implícita. Os modos gramaticais são apenas um dos meios utilizados para exprimir a modalidade que toma, frequentemente, a forma de uma “oração principal”. Os advérbios também desempenham, frequentemente, esse papel (talvez, em minha opinião...). (3) Na gramática gerativa, a modalidade é, com o núcleo, um constituinte imediato da frase de base que representa os seguintes elementos obrigatórios: Declarativo, Interrogativo, Exclamativo e Imperativo, e os elementos facultativos: Ênfase, Negativo (ou Afirmativo), Passivo (ou Ativo), podendo dois elementos combinar, por exemplo: *Pedro não veio?* (Interrogativa - Negativa). (4) Chamam-se *modalidades lógicas* os diversos modos de considerar o predicado da frase como verdadeiro, contingente (ou necessário), provável (ou possível). As modalidades da contingência (*vs.* necessidade) ou da probabilidade (*vs.* possibilidade) são traduzidas por auxiliares de modo; a modalidade do verdadeiro é traduzida pela ausência de auxiliar de modo a apenas a presença do tempo. A modalidade lógica é distinta da modalização (em que o falante assume ou não seu enunciado), que pode comportar uma modalidade lógica; assim, as frases: - *O trem deve chegar às cinco horas* e - *O trem deveria chegar às cinco horas*, têm a modalidade “provável”, mas a primeira é assumida pelo falante, enquanto que a segunda só o é parcialmente, ou não o é. (5) André Martinet chama *modalidades* os monemas gramaticais que não podem servir para marcar a função: o monema de plural é uma modalidade. Segundo o dicionarista Houaiss, o termo monema, na terminologia de André Martinet, significa a unidade de primeira articulação ou unidade significativa mínima elementar [Pode ser uma palavra simples, uma raiz (lexemas), ou um prefixo, uma desinência (morfemas)].

Para Neves (2006, p. 151), “conceituar modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas

³ Vamos. (Tradução das autoras).

⁴ “o modo é, por consequência, uma categoria sintática e não uma categoria nocional...” (Tradução das autoras).

no domínio conceptual implicado”. Para Quirk (1985 *apud* Neves 1996), “a modalidade pode ser definida como o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa”. Saint-Pierre (1992 *apud* Neves 1996, p. 164) define “a modalidade como operação de assunção, pelo enunciador, do conteúdo proposicional de seu enunciado em relação a um evento ou a certa relação intersubjetiva distinguindo, assim, o *dictum*, ou conteúdo de pensamento, do *modus*, ou atitude que o sujeito toma em relação a esse conteúdo”.

Segundo Givón (1984), pela tradição lógica, as Modalidades definem-se em relações de verdade que se estabelecem entre as proposições e algum universo de realização. Dessa forma, configuram-se os seguintes valores: (1) **verdade factual** = conhecimento asseverado como real. Ex: É claro que essa situação não poderia perdurar; (2) **verdade necessária** = conhecimento não-contestado. Ex: É necessário que essa situação perdure; (3) **verdade possível** = conhecimento asseverado como irreal (inclui a verdade possível ou condicional). Ex: É possível que essa situação perdure; (4) **falsidade** = conhecimento asseverado como falso. Ex: A situação perdura.⁵

Na tradição da análise lógica, a Modalidade é tratada como uma propriedade de proposições isoladas do contexto comunicativo natural ao passo que, na tradição linguística mais recente, a estrutura modal codifica a atitude do falante em relação à proposição. Para Givón (2005), entretanto, a atitude do falante não incide somente sobre a proposição, mas, também, sobre a atitude do ouvinte face à proposição. Conforme o autor, por “atitude do falante” deve-se entender dois tipos de julgamentos sobre a oração/proposição e sobre o estado de crença e intencionalidade do ouvinte: **julgamento epistêmico** – assuntos de verdade, probabilidade, certeza, crença ou evidência e **julgamento deontico** (valorativo) – assuntos de desiderabilidade, preferência, intento, habilidade, obrigação, manipulação ou poder.

Givón (1988) afirma que a Modalidade deontica envolve a noção da dinâmica de forças no mundo externo. Por exemplo, o verbo tanto pode inserir a noção de permissão deontica, quanto de possibilidade epistêmica, em *Eles podem brincar*, há uma permissão e, em *Eles podem brincar (ou estudar)*, há uma possibilidade.

Coracini (1991, p. 120 *apud* Pessoa, 2007, p. 371), por sua vez, aponta a Modalidade como sendo “a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere”. E complementa: “as modalidades constituem verdadeiras

⁵ Exemplos adaptados de Neves (2006, p. 164).

estratégias discursivas, não podendo ser isoladas do ato de fala em que estão inseridas”.

TIPOS DE MODALIDADE

Segundo Almeida (1988), a modalidade revela a atitude mental do sujeito. Cita Émile Benveniste que diz ser a modalidade uma propriedade de uma asserção complementar que incide sobre o enunciado. Almeida apoia-se no trabalho de Ferdinand Brunot *La pensée et la langue*, que considera como modalidade das ideias as características diversas que envolvem a ação, conforme ela se apresenta ao nosso juízo, ao nosso sentimento, ou à nossa vontade. Na visão de Brunot, são modalidades: a certeza, a possibilidade, o desejo, a ordem, etc. Nas operações do juízo e do sentimento, ele considera duas grandes categorias: a da realidade e a da eventualidade, sendo importante considerar as diferenças que separam as diversas modalidades. Estabelece como tipos de Modalidade, no sentido mais amplo: **modalidades objetivas**: (a) existência ou não-existência: *Paulo chegou*; (b) necessidade e obrigatoriedade: *Vem, devo esperar que venhas...*; (c) im (possibilidade) e probabilidade: *Só o metrô pode resolver isso*. Esses tipos de Modalidade vinculam-se à categoria da realidade. Os tipos de Modalidade vinculados à eventualidade são as **modalidades subjetivas**: (a) volição e desejo: *João quer pisar a grama*; (b) ordem ou proibição: *Não pise a grama*; (c) dúvida ou certeza: *Talvez eu pise a grama*.

Jespersen (1971) remete aos modos nocionais em três categorias, elencados na ontologia de Wolff: a possibilidade, a necessidade e a contingência⁶. Assim como Kant fornece três <modalidades>: a possibilidade, a existência e a necessidade. Cita Gottfried Hermann que propôs certo número de subdivisões dessas categorias: * a possibilidade objetiva – ou conjuntiva, * a possibilidade subjetiva – ou optativa, * a necessidade objetiva que corresponde aos verbos adjetivais e * a necessidade subjetiva – ou imperativa. Para ilustrar as modalidades que comportam um elemento de vontade, Jespersen (1971, p. 457) distinguiu os pedidos dos não-pedidos, subclassificando-os, respectivamente, em exortações e perguntas, por um lado, e em declarações e exclamações, por outro. Vejamos os exemplos⁷:

L'ordre/Ordem: *Vas-y*. [Vá]

La contrainte/Pressão: *Il faut qu'il y aille*. [É preciso que ele vá.]

⁶ Incerteza sobre se uma coisa acontecerá ou não. (FERREIRA, 1999).

⁷ Tradução das autoras.

L'obligation/Obrigação: *Il devrait y aller. Nous devons y aller.* [Ele deveria ir. Nós devemos ir.]
 Le conseil/Conselho: *Tu devrais bien y aller.* [Tu deverias ir.]
 La prière/Pedido: *Vas-y, s'il te plaît.* [V , por favor.]
 L'exhortation/Encorajamento: *Allons-y.* [Vamos.]
 La permission/Permiss o: *Tu peux y aller si tu veux.* [Tu podes ir, se tu quiseres.]
 La promesse/Promessa: *J'irai,  a sera fait.* [Irei, isso será feito.]
 Le souhait (réalisable)/Desejo (realiz vel): *Pourvu qu'il soit encore vivant!* [Tomara que ele ainda esteja vivo!]
 Le regret/Pesar: *Si seulement il était encore vivant!* [Se ele estivesse vivo!]
 L'intention/Intenç o: *Pour qu'il puisse y aller.* [Para que ele possa ir.]

Em contrapartida, as modalidades que não comportam nenhum elemento de vontade s o⁸:

La nécessité logique/Necessidade lógica: *Deux et deux font nécessairement quatre.* [Dois e dois fazem quatro.]
 La nécessité intuitive/Necessidade intuitiva: *Il doit être riche (pour dépenser autant d'argent).* [Ele deve ser rico (para gastar tanto dinheiro).]
 L'affirmation/Afirmaç o: *Il est riche.* [Ele   rico.]
 La probabilité/Probabilidade: *Il est probablement riche. Il le saura. (probablement)* [Ele   provavelmente rico. Ele o saber . (provavelmente)]
 Le doute/D vida: *Il est peut-être riche.* [Talvez ele seja rico.]
 La capacit /Capacidade: *Il sait parler.* [Ele sabe falar.]
 La condition/Condição: *S'il est riche.* [Se ele   rico...]
 L'irr el/Irreal: *S'il était riche.* [Se ele fosse rico...]
 La concession/Concessão: *Bien qu'il soit riche.* [Embora ele seja rico...]

Conforme Neves (2006, p. 159), “necessidade” e “possibilidade” são noções que se colocam, tradicionalmente, como subtipos das Modalidades alética, epistêmica, deôntica, volitiva (ou bulomaica) e disposicional.

A modalidade alética, ou lógica, está exclusivamente relacionada com a verdade necessária ou contingente das proposições, um evento natural ou humano que se caracteriza por sua absoluta indetermina o e imprevisibilidade. Dessa forma, a modalidade alética tem rela o com o mundo ontológico, o qual reflete uma escala lógica que vai do necessário ao impossível, passando pelo possível e pelo contingente. Por exemplo: - *A Matemática **pode ser** apresentada por meio da adição, subtração, multiplicação e divisão.*

⁸ Tradu o das autoras.

Embora central na Lógica, nas línguas naturais, a modalidade alética é dificilmente detectada, pois o comprometimento da modalização alética com a verdade relacionada a mundos possíveis torna pouco claro o discurso comum, ou seja, se um conteúdo asseverado for portador de verdade em um ato de fala, é improvável não ser filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante. Por isso, a modalidade alética não constitui privilégio de investigação em línguas naturais, tendo em vista não considerar o conhecimento e o julgamento do falante, o mesmo não ocorrendo com as modalidades deôntica e epistêmica.

A Modalidade epistêmica, segundo Neves (2006), está relacionada com a necessidade e a possibilidade epistêmicas, que são expressas por proposições contingentes, isto é, que dependem de como o mundo é. Refere-se à fonte do conhecimento sobre o mundo representável por proposições, nas quais o falante pode ou não estar comprometido, por exemplo: - *O efeito estufa **pode acelerar** a degradação do planeta.*

A Modalidade deôntica relaciona-se com obrigações e permissões e se enquadra no eixo da conduta. Está condicionada pelo traço específico [+controle] ligado ao falante, por exemplo: - *Ana, **é preciso** estacionar o carro na vaga certa: você **não deve** ir muito longe.*

Conforme Neves (2006), as Modalidade bulomaica (ou volitiva) e disposicional (ou habilitativa) relacionam-se com significados deônticos, ou seja, com a necessidade deôntica e a possibilidade deôntica. A bulomaica ou volitiva expressa, desejos do falante, por exemplo: - ***Deve ser** nossa a medalha olímpica!*; a disposicional ou habilitativa refere-se à disposição, habilitação, capacidade do falante, como: - *Depois da cirurgia, o paciente **pode andar.***

Embora os lógicos tivessem estabelecido as Modalidades: alética, epistêmica e deôntica, as modalidades básicas consideradas nos estudos são a epistêmica e a deôntica, ficando a primeira praticamente reduzida às investigações lógicas. Dessa forma, a autora divide em dois grandes tipos a Modalidade: epistêmica (conhecimento e crença) e não-epistêmica (permissão, obrigação e proibição), esta inclui a deôntica (obrigação) e a dinâmica (volição e habilidade ou capacidade).

Para Givón (1984), as quatro sentenças modais mais habituais são: a) **pressuposição**: a proposição é assumida como verdade; b) **asserção “realis”**: a proposição é fortemente declarada como verdade, mas o ouvinte pode refutá-la (afirmativa e negativa); c) **asserção “irrealis”**: a proposição é fracamente declarada como possível ou como necessária; d) **asserção negada**: a proposição é fortemente declarada como falsa.

Givón (1984) apresenta o contraste *realis* e *irrealis* por meio de orações simples e complexas para exemplificar as sentenças modais caracterizadas no parágrafo anterior. Nas orações simples, dos quatro maiores tempos: *passado, presente, futuro* e *habitual*, os dois primeiros são claramente evidência

de Tempo *realis* (fato), tratando de eventos/estados que ocorreram ou que estão ocorrendo, como em: a) Past (passado): Joe cut a log. (Joe cortou a lenha) [asserção do fato] e b) Present (presente): Joe is cutting a log. (Joe está cortando a lenha) [asserção do fato]. No futuro, por sua vez, há a representação do Tempo *irrealis*, por tratar de eventos/estados hipotéticos, possíveis, incertos, que ainda não ocorreram, como em c) Future (futuro): Joe will cut a log. (Joe cortará a lenha.) (Joe vai cortar a lenha) [asserção de possibilidade].

O teste mais comum para *realis/irrealis* envolve a referencialidade/referenciação de argumentos indefinidos sob o âmbito destas modalidades. Givón (1984) explica que as frases *a* e *b* são modalidades “*realis*”, e crer na verdade da sentença inteira implica também a crença na existência de um único objeto – ‘a log’ [a lenha]. Por outro lado, na frase *c*, modalidade “*irrealis*” – ‘a log’ é ambíguo, e pode ou não significar um único tronco. Nesse caso, a classificação é não-referencial ou genérica. Outra fonte da modalidade *irrealis*, nas orações simples, segundo (GIVÓN, 1984, p. 286), vem de variados operadores probabilísticos, como advérbios epistêmicos e modais, conforme o que se apresenta aqui: a) Joe caught a whale. (Joe capturou uma baleia) [past=passado; *realis*]: **referencial**; b) Maybe Joe caught a whale. (Talvez Joe tenha capturado uma baleia) [past=passado+advérbio; *irrealis*]: **não-referencial**; c) Joe may have caught a whale. (Joe pode ter capturado uma baleia) [past=passado+modal; *irrealis*]: **não-referencial**.

Finalmente, outra fonte da modalidade *irrealis*, nas orações principais, encontra-se no escopo dos verbos modais, os quais não implicam a existência de seus objetos, nem mesmo no tempo passado, mas são, brevemente, verbos que descrevem mundos imaginários, estados ou eventos. Por exemplo, (GIVÓN, 1984, p. 286): a) Joe caught a whale. (Joe capturou uma baleia.) [past=passado, *realis*, escopo do verbo implicativo]: referencial; b) Joe imagined uma baleia. (Joe imaginou uma baleia.) [past=passado, *irrealis*, escopo do verbo não-implicativo]: não=referencial.

De acordo com Givón (1993, p. 30), a escala dos verbos modais é caracterizada pela sintaxe do complemento da seguinte forma (nominal, -*ing*- infinitivo, to-infinitivo, how-to, modal e finito): * She finished **her work** late. (Ela terminou seu trabalho final); * She finished **building** the house. (Ela terminou de construir a casa); * She wanted **to build** a house. (Ela queria construir uma casa); * She knew how to build a house. (Ela soube como construir uma casa); * She wished that he would build a house. (Ela desejou que ele construísse uma casa); * She knew that he had build a house. (Ela sabia que ele tinha construído uma casa).

Afirma Givón (1984) que a modalidade, nas orações complexas, é *irrealis*, embora quando combinadas com o passado sejam *realis*. Eis um exemplo para cada uma, extraído de Givón (1984, p. 286 e 287): *Irrealis* ‘!

(oração condicional): **If** Joe catches a whale, then... (**Se** Joe pescar uma baleia, então...); *Realis*'! (orações adverbiais com porque): **Because** Joe caught a whale, he...(**Porque** Joe pescou uma baleia, ele...). Assim, o autor explicita como sendo estes os motivos pelos quais se considera *realis* o não-marcado, referencial, natural, caso neutro e, *irrealis*, como o marcado, não-referencial, caso excepcional na linguagem humana.

Os lógicos veem a modalidade como uma flutuação entre o *necessário*, o *possível* e o *provável*. Gezundhajt (1998-2004) reproduz a ideia de flutuação dos lógicos, descrevendo as modalidades em: objetivas (ôntica e alética), subjetivas (epistêmica e apreciativa) e mistas (deôntica e volitiva). Culioli *apud* Gezundhajt (1998-2004, p. 8) reagrupa as modalidades de acordo com o tipo de comentário do enunciador, a saber:

- **modalidade do tipo 1** (assertiva), diz respeito ao valor de verdade, cuja relação é de validade ou não, como no exemplo:

Il vient. (Ele vem.) asserção afirmativa

Il ne vient pas. (Ele não vem.) asserção negativa

- **modalidade do tipo 2** (epistêmica – reagrupa a alética e a epistêmica) – diz respeito aos domínios do provável, do verossímil, do possível, do eventual, a exemplo:

Si tu me le demandes, je peux éventuellement passer. (Se tu me perguntas, eu posso eventualmente passar.)

- **modalidade do tipo 3** (apreciativa) – diz respeito aos valores de bom/mal, normal/anormal, feliz/infeliz. Tem-se como exemplo:

Malheureusement, il n'est pas venu. (Infelizmente, ele não veio.)

- **modalidade do tipo 4** (intersubjetiva ou radical) – compreende o querer, a vontade do sujeito da enunciação, a pressão, a pergunta que o enunciador faz pesar sobre o sujeito da enunciação e a permissão (deôntica), as relações sujeito/predicado no interior da relação predicativa e as relações pragmáticas, a exemplo:

S'il ne veut pas manquer la fête, il doit venir. (Se ele não quiser faltar a festa, ele deve vir.)

Às vezes, há exemplos de frases que se encaixam em duas categorias modais, como: * *Va t'asseoir!* (Vai te sentar!), que está no âmbito da modalidade do tipo 1 por ser uma injunção na qual o enunciador simula uma tomada de posição, como também da modalidade do tipo 4 que compreende a vontade do falante em relação ao seu ouvinte.

Do ponto de vista morfossintático, não há verdadeira correspondência entre os modos e as modalidades, mas, ainda assim, é possível estabelecer certas ligações, conforme o que segue:

- Modo indicativo (modalidade assertiva)

Il va venir. [Ele vai vir.]

- Modo subjuntivo (modalidade epistêmica)

Je ne pense pas qu'il vienne. [Não penso que ele venha.] - É o único modo que remete puramente ao modal.

- Modo condicional (modalidade hipotética)

S'il avait le temps, il viendrait. [Se ele tivesse tempo, ele viria.] - Relação lógica de causa

- Modo imperativo (modalidade deôntica)

Viens me voir. [Venha me ver.] Ordem

Segundo Culioli *apud* Gezundhajt (1998-2004), os modos ditos *participio* e *infinitivo* são mais ligados ao aspecto e à ordem dos processos do que às modalidades propriamente ditas.

Brunot *apud* Almeida (1988, p. 11) discrimina como meios de expressão no francês: a entoação, o uso dos tempos, os auxiliares de modo, os complementos modais, a ordem das palavras, os modos do verbo. Acrescenta ainda que os mesmos meios existem na Língua Portuguesa, conforme exemplos⁹:

a) **entoação** – Maria é bela? Maria é bela.

b) **uso de tempo** - Há três metros de uma parede à outra; haverá três metros de uma parede à outra.

c) **auxiliares** – Ela quer trabalhar na televisão; ela deve trabalhar na televisão; ela pode trabalhar na televisão.

d) **ordem das palavras** – Torcedor do Flamengo, já não o sou!

e) **modos do verbo** – Eu vou ao cinema; talvez vá ao cinema.

De acordo com Neves (2006), a Modalidade pode ser expressa pelos seguintes meios linguísticos¹⁰:

- por um verbo auxiliar modal: *João deve trabalhar hoje.*

- por um verbo de significação plena (indicadores de opinião, crença e saber): *Penso que João trabalhará hoje. / Duvido que João trabalhe hoje.*

- por um advérbio: *Certamente, João trabalhará hoje.*

- por um adjetivo em posição predicativa: *É certo que João trabalhe hoje. / É possível que João trabalhe hoje.*

- por um substantivo: *Meu desejo é trabalhar.*

⁹ Exemplos de Almeida (1988, p. 11)

¹⁰ Os exemplos são de Duarte (2003, p. 90).

- pelas próprias categorias gramaticais (Tempo/Aspecto/Modo) do verbo da predicação: *João acreditava que retornaria ao trabalho hoje.*
- por expedientes puramente sintáticos: unipessoalização, que se alterna com a 1ª pessoa do singular e minimiza a participação do falante – [*Eu sei – disse João – é preciso trabalhar*]; intercalação de orações em 1ª pessoa, que produz o efeito contrário ao da unipessoalização - *O trabalho é importante, mas eu preciso descansar.*

Para completar a lista acima, há meios prosódicos¹¹ que sempre estão presentes na modalização em língua falada, isto é, nas elocuições orais, conforme distingue Saint-Pierre (1991) em três classes de modalizadores, a partir da teoria dos atos ilocucionários:

(a) marcadores prosódicos (entonação, qualidade de voz):

* *Tu me donnes ce crayon?* [Tu me dás esse lápis?]* *Dépêche-toi.* [Apressa-te.]

(b) marcadores morfológicos e sintáticos (os auxiliares de modo, as locuções de intensidade, a modalidade impessoal, os advérbios modais e a colocação em relevo, pode ser a topicalização, o deslocamento do sujeito ou do objeto, as clivadas):

* *Tu dois partir.* [Tu deves partir.] (necessité/necessidade);

* *Je suis obligée de dire qu'il a de la fièvre.* [Sou obrigada a dizer que ele tem febre] (obligation/obrigação);

* *Il est certain qu'il fait de la fièvre.* [É certo que ele está com febre.] (certitude/certeza);

* *Elle va probablement venir le chercher à midi.* [Ela vai provavelmente vir procurá-lo meio-dia.] (probabilité/probabilidade);

* *C'est l'ours qui est le plus malade.* [O urso é o mais doente.] (certitude/certeza)

(c) marcadores discursivos (extensão frástica, repetição, discurso relatado, formas de polidez, ato indireto):

* *Mais oui, c'est certain.* [Mas sim, é certo.] (asserção amplificada por reiteração)

* *Il a mal, il mal au bras.* [Ele está mal, mal do braço.] (certeza do fato)

* *La cliente a dit qu'il avait mal aux yeux.* [A cliente disse que estava mal dos olhos.] (verossímil)

* *Apporte-le moi s'il te plaît.* [Traga-o, por favor.]

* *Peux-tu me donner le thermomètre?* [Tu podes me dar o termômetro?]

Chu (2008) propõe uma caracterização sintática da classe dos verbos modais do Francês. Diferentemente dos posicionamentos similares em inglês, os verbos modais do francês podem se combinar e essa possibilidade

¹¹ Os exemplos são de Saint-Pierre (1991, p. 227-234).

de sequência é explorada de uma maneira exaustiva por um mecanismo de validação. O autor, para exemplificar a definição de um verbo modal, transcreve um trecho retirado do Jornal *Le Monde*, que diz “Assim como para desfrutar plenamente da felicidade que lhes foi prometida, os habitantes **deverão ser** capazes de suportar coisas da arquitetura mais do que **pode ingerir** um corpo normal.” (Tradução das autoras).¹²

Nas gramáticas escolares, em geral, pouco se vê em relação à análise de verbos modais ou mesmo sobre modalidade, mas tão somente observações concernentes às particularidades semânticas como conceitos das categorias verbais. Nas últimas décadas, segundo Chu (2008), é que se pode observar o aparecimento de estudos teóricos tratando seriamente da questão do verbo modal e da modalidade, mas o *status* desses elementos não está bem determinado.

ENSINO DA CATEGORIA MODALIDADE

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos na análise de uma coleção didática de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II (*Projeto Araribá*)¹³. Serão considerados os livros do sexto e sétimo anos, tendo em vista que os do oitavo e nono anos não trazem informações a respeito de Verbo, abordam as outras classes de palavras. Adotamos dois critérios para a seleção do livro: ser adotado pela maioria das escolas públicas de Macapá e estar no último ano do triênio 2008/2010, antes da próxima escolha dos livros didáticos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, análise da Modalidade expressa por verbos¹⁴, seguimos roteiro elaborado por Tolonen (1992) e por Alcântara (2010). Consideramos seis questões: 1) Os Livros Didáticos: mostram, explicitamente, que a modalidade pode ser expressa pelo verbo? 2) Diferenciam Modo de Modalidade? 3) Associam os Modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo à certeza, incerteza e ordem, respectivamente? Ou correlacionam os Modos ao contexto de uso? 4) Evidenciam os efeitos de sentido provocados pela escolha de determinadas formas verbais, por exemplo, do futuro do pretérito? 5) Trabalham os usos/funções dos verbos auxiliares modais? 6) Trabalham os usos/funções

¹² *Tant si bien que pour profiter pleinement du bonheur qui leur est promis, les habitants devront être en mesure de supporter des choses d'architecture à ce que peut ingérer un organisme ordinaire.*

¹³ Em pesquisa anterior, analisamos, também, a categoria Modalidade em livros didáticos do Ensino Médio. ARAÚJO, A. *A categoria Modalidade em Livros Didáticos de Língua Portuguesa e de Língua Francesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

¹⁴ Em pesquisa anterior, mostramos, também, a Modalidade expressa por advérbios e adjetivos em posição predicativa. ARAÚJO, A. *A categoria Modalidade em Livros Didáticos de Língua Portuguesa e de Língua Francesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

de verbos de significação plena, por exemplo, verbos de crença, *dicendi*, volição?

Em relação à primeira pergunta do roteiro, para o sexto ano, o autor não mostra que a Modalidade pode ser expressa pelo verbo. Instiga o aluno a retomar conceitos de adjetivos e substantivos, estudados em lições anteriores, e apresenta, a partir de frases contidas na tira “*Minduum*” (primeira do anexo), perguntas para indicar a que determinada palavra se refere, culminando, assim, na apresentação da definição de verbo, locução verbal e verbo auxiliar.

Para o sétimo ano, o conteúdo analisado não aborda o trabalho com a Modalidade, antes desenvolve identificação, no texto, das categorias de pessoa, número tempo e modo. Vejamos:

· Nas frases a seguir, identifique a pessoa e o número (singular e plural) a que se referem os verbos. Considere o contexto do trecho da história abaixo:

a) “As palavras [...] haviam embalado seus sonhos.”

b) “ela [...] havia me encantado com sua voz.”

· Encontre no texto¹⁵ um verbo que indique certeza ou convicção, um que indique incerteza ou hipótese e um que indique ordem ou pedido.

· Identifique no texto¹⁶ verbos que indiquem presente, passado e futuro.

Observe o contexto.

Quanto à segunda pergunta do roteiro, para o sexto ano, percebe-se que o autor não diferencia Modo de Modalidade. Apresenta, apenas, a definição de **modo verbal**, não revelando que, além do modo verbal, o falante pode usar outras estratégias para exprimir suas atitudes, por exemplo, utilizar advérbios modalizadores, como *certamente*, *obviamente*, etc. Embora não trate explicitamente da Modalidade, solicita, em exercícios (conforme o segundo exemplo colocado em anexo), identificação das formas verbais que indicam certeza, hipótese e pedido, do que se pode deduzir que o aluno perceberá a relevância das diferentes atitudes do falante. Embora associe, mesmo que de um modo geral, a certeza ao Modo Indicativo, a incerteza ao Modo Subjuntivo e a ordem ao Modo Imperativo, não trabalha noções, por exemplo, de probabilidade e de possibilidade contidas nas expressões do segundo quadro “*Talvez haja... será que*”, nem trabalha a frase “*Quer me ajudar, por favor?*”, em que a forma verbal do presente não indica certeza, mas um pedido, ancorado na expressão “*por favor*”.

Em relação ao livro do sétimo ano, a diferença entre Modo e Modalidade também não é abordada, há explicações sucintas, listadas em

¹⁵ Trecho do texto *O outro lado da história* de Rosana Rios.

¹⁶ Trecho do texto *O outro lado da história* de Rosana Rios.

quadros, para informar aos alunos os tempos do modo indicativo, bem como as formas nominais do verbo.

À questão “Associa os Modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo à certeza, incerteza e ordem, respectivamente, ou correlaciona os Modos ao contexto de uso”, percebe-se, no livro do sexto ano, que há tão somente associação dos Modos às noções de certeza, incerteza e ordem, como o exposto na tira do exemplo anterior. O livro deveria, entretanto, abordar a Modalidade, de forma explícita, por meio de exemplos e exercícios que levassem em conta o trabalho com a reflexão e análise da funcionalidade da língua, de acordo com o uso e não para vincular o modo às formas verbais, porque nem sempre uma forma verbal do modo indicativo, por exemplo, indica certeza. Em *A seleção que vai ter em março, de repente, faço carreira*. (FLP 04, L 1231)¹⁷, **faço** refere-se à noção de probabilidade e, em (...) *vamos falar mais alto pra todo mundo ouvir*; (...) *falando mais alto pra todo mundo ouvir*¹⁸, percebe-se que a noção de ordem não se exprime somente pelo modo imperativo. Nos exercícios, o autor utiliza trechos de livros e diversos gêneros textuais, como: canção, anúncio publicitário, tira, receita, cartaz, para trabalhar questões estruturais como a que segue:

- **Indique se os verbos destacados (nos textos¹⁹) estão no modo indicativo (certeza, convicção), no subjuntivo (incerteza, hipótese) ou no imperativo (ordem ou pedido).** (KANASHIRO, 2007, p. 235)

Para o sétimo ano, há indício de caracterização da atitude do falante por meio do modo verbal. Inicialmente, o livro expõe a definição do modo subjuntivo, não remetendo à noção de incerteza, mas indica o contexto como meio de interpretar o significado da forma verbal. Vejamos a definição:

O modo subjuntivo exprime, geralmente, algo hipotético, que não se realizou ainda e que pode nem se realizar. É usado também quando expressamos um desejo, uma dúvida, uma intenção, uma condição. (KANASHIRO, 2007, p. 90)

Ao final da seção, na subseção intitulada “*Desafio*”, o autor mostra que o emprego do subjuntivo não está atrelado exclusivamente ao valor hipotético, irreal, pode estar relacionado à noção de possibilidade:

Imagine o seguinte contexto: Dois amigos estudam durante três horas seguidas. Um deles, bastante cansado, pergunta:

¹⁷ Exemplo de Gibbon (2000, p. 65).

¹⁸ Exemplos de Pinheiro-Monteiro (2010, p. 60).

¹⁹ Os textos são: *Peter Pan* de James M. Berrie e *O livro da Selva* de Rudyard Kipling.

- **E se nós tomássemos um refrigerante?**

* Agora, responda: nessa situação discursiva, o modo subjuntivo tem valor de fato hipotético, irreal?

(KANASHIRO, 2007, p. 96)

Embora o livro aborde, de forma restrita, aspectos nocionais de possibilidade, percebemos que há um avanço no tratamento destas questões, pois, em livros de décadas anteriores, como as de setenta, oitenta e noventa, conforme Alcântara (2010), o modo subjuntivo era correlacionado somente à ideia de incerteza. Quanto à forma, os tempos, em sua divisão e definição, são apresentados em frases isoladas, o que remete, ainda, a uma explicação descontextualizada,

No livro do sétimo ano, há, também, definição mais alargada do modo imperativo. Vejamos:

O modo imperativo é aquele que exprime ordem, pedido, conselho, convite, súplica. Existem duas formas para o imperativo.

· **Imperativo afirmativo:** *Pare de comer fígado.*

· **Imperativo negativo:** *Não beba vinagre.*

(KANASHIRO, 2007, p. 102)

Quanto à quarta questão, “Evidencia os efeitos de sentido provocados pela escolha de determinadas formas verbais, por exemplo, do futuro do pretérito”, o autor traz, por meio dos exercícios, especialmente aqueles com base no gênero textual “tira”, o efeito de sentido provocado pela escolha de algumas formas verbais, como é o caso do futuro do pretérito, contextualizado na fala do personagem da tira Hagar, bem como apresenta questionamentos sobre o tempo verbal empregado na conversa. Entretanto, a exploração do conteúdo verbal ainda permeia o campo da formalidade em detrimento da função discursiva dos verbos na codificação da atitude do falante. Pelo menos as perguntas apontam mais para uma explanação geral do contexto verbal do que para a modalidade efetivamente, mostrando que esta categoria ainda é pouco trabalhada nos materiais didáticos, sendo posta como um desafio para os estudiosos da linguagem. A tira com as respectivas perguntas é a terceira em anexo.

Verifica-se, no livro do sétimo ano, que o autor apresenta, de forma reflexiva, a utilização do futuro do pretérito e do imperfeito subjuntivo, na tira “*Minduí*”, com três questões referentes à noção de possibilidade (quarta tira em anexo).

No que concerne à quinta questão “Trabalha os usos/funções dos verbos auxiliares modais”, o livro do sexto ano não explicita a definição, nem faz menção ao conteúdo *verbo auxiliar modal*. Para o sétimo ano, há destaque para os verbos auxiliares, no entanto, o autor poderia ter trabalhado com a Modalidade. Vejamos um caso referente à noção de possibilidade, em “você *pode machucar* alguém”.

Leia o texto a seguir:

Ainda não sei o que eu quero.

E você? Sabe o que quer vestir na festa? Será que você **vai ser** obrigada a usar o vestido de liquidificador que sua vó **está fazendo**?

Coitada da minha amiga, vai numa festa vestida de eletrodoméstico! Cuidado pra não girar muito na hora de dançar, você **pode machucar** alguém.

ADRIANA FALCÃO E MARIANA VERÍSSIMO.

P.S. beijei. São Paulo: Salamandra, 2004. P. 72 (Fragmento)

* Nas locuções verbais destacadas, que verbos guardam o sentido da expressão?

* Que verbos auxiliam a construção das locuções?

(KANASHIRO, 2007, p. 72)

No livro do sexto ano (anexo no.05), o autor trabalha, mesmo que de forma parcial, os usos/funções de verbos de significação plena (sexta questão do roteiro), como é o caso do verbo *confiar* que aparece na tira da Mafalda, a qual faz referência, após conjugá-lo, a um “bando de ingênuos”, refletindo sua significância no simples fato de conjugá-lo.

No livro do sétimo ano, há um indício do trabalho com a Modalidade, a partir da tira “*Minduím*”, com questionamentos que envolvem noções de possibilidade, de dúvida, com as formas verbais do futuro do pretérito do indicativo “*seria*” e do pretérito imperfeito do subjuntivo “*fosse*”, “*fossem*” (anexo no.06) .

O autor poderia ter-se aproveitado da forma flexionada do verbo “*pensar*”, na forma “*pensei*”, a qual aparece no último quadro, na fala do cão Snoopy, para iniciar o estudo e a análise reflexiva dos usos/funções dos verbos de significação plena, atribuindo-lhes conceitos, exemplificando-os em contextos de uso. Entretanto, o exercício está mais voltado para as formas verbais e as noções de possibilidade, embora ele tenha destinado o item “c” para designar o trabalho com a significação do verbo pleno, atrelando-o a algo certo, o fato de ter pensado.

Em relação ao Livro Didático do 6º Ano do Ensino Fundamental, pode-se dizer que: 67% das respostas são negativas, pois o Livro Didático carece de um estudo voltado para a categoria Modalidade; 17% das respostas são consideradas parciais, quase se equivalendo aos 16% que correspondem às respostas positivas, e, somados os dois percentuais, o resultado ainda não se equipara ao maior percentual de respostas negativas. Para o livro do 7º Ano do Ensino Fundamental, há 67% de respostas negativas às questões sobre a categoria Modalidade expressa pelo Verbo e 33% de respostas parciais.

Verificou-se que pouco se trabalha a categoria Modalidade expressa pelo verbo, quer seja na explicação do conteúdo, quer na prática, por meio

dos exercícios. Não se encontrou no livro didático nenhuma evidência de diferenciação de Modo de Modalidade, nem o trabalho dos usos/funções dos verbos auxiliares modais, mas tão somente dos auxiliares. Contudo, há presença, mesmo que de modo parcial, do trabalho com os efeitos de sentido provocados pela escolha de determinadas formas verbais, bem como a correlação dos Modos ao contexto de uso. O que se sobressaiu foi, ainda, a correlação dos Modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo às noções de certeza, incerteza e ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria Modalidade aqui explicitada, considerando-se a análise empreendida, não se insere, ainda, na realidade do ensino. Muitas vezes, o ensino gramatical do conteúdo Verbo, por exemplo, dá-se com base nos Modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo, excluindo a possibilidade da análise linguística pela atitude proposicional do falante face ao enunciado.

Independentemente do estrutural, o qual também é importante para entendermos o funcionamento de uma língua, a reflexão é tomada aqui, a partir do uso da língua em uma situação discursiva, ou seja, sob o viés funcional. Algumas gramáticas ou mesmo livros de Línguas Estrangeiras já fazem referência a essa categoria, dentre outras, como Tempo e Aspecto. Isso demonstra que os autores se preocupam com o espaço desse tema nos livros acadêmicos, pois revelam que, em uma proposição, há valores modais como noções de possibilidade, probabilidade, obrigação, permissão, entre outros, de que o falante dispõe para expressar seus sentimentos, suas atitudes.

Entretanto, nos livros de Língua Portuguesa analisados, não há referência explícita quanto ao tema Modalidade, mas há indícios de apresentação desse conteúdo por meio de argumentos e características reveladoras de atitude. Deve-se levar em conta a modalização, principalmente, em textos acadêmicos, mas isso é raro. Em se tratando de análise linguística, dificilmente, exploram-se as diferenças de sentido quando há uso de uma mesma forma verbal, por exemplo, um verbo como *poder* serve para indicar capacidade, permissão ou possibilidade, ou seja, não se explora a contento a correlação forma-funções.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M. P. A. *O livro didático de língua portuguesa e o tratamento dado às categorias Tempo, Aspecto e Modalidade: uma análise histórico-comparativa entre as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000*. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de

Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ALMEIDA, J. *A categoria da modalidade*. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.

CHU, X. *Les verbes modaux du français*. Collection l'essentiel français. Paris: Éditions Ophrys, 2008.

DUARTE, P. M. T. *Introdução à Semântica*. 2 ed. rev. ampl. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. Título original: Dictionnaire de Linguistique. Librairie Larousse.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GEZUNDHAJT, H. Département d'études françaises de l'Université de Toronto, 1998-2004. Disponível em: < <http://www.linguistes.com/mots/verbe.html> >. Acesso em: 27 abr. 2010.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

_____. *Force dynamics in language and cognition*. Cognitive Science 2, 1988, p. 49-100.

_____. *English grammar: a function-based introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

JESPERSEN, O. *La philosophie de la grammaire*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1971. Título original: The philosophy of grammar. New York: H. Holt, 1924.

KANASHIRO, A. *Projeto Araribá: português: ensino fundamental/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna*, 6º, 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

_____. *Projeto Araribá: português: ensino fundamental/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna*, 7º, 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

_____. *Projeto Araribá: português: ensino fundamental/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna*, 8º, 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

_____. *Projeto Araribá: português: ensino fundamental/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna*, 9º, 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MIRA MATEUS, M.H. *A propósito de uma política de língua*. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2006-mhmateus-politica_lingua.pdf. Acesso em: 14. Out. 2010.

NEVES, M. H. M. *A modalidade*. In: KOCH, I.G.V. (org.) Gramática do português falado. v. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP – FAPESP, 1996, p. 169-199.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PESSOA, N. P. *A modalidade epistêmica em artigos científicos*. In: Nogueira, M. T. (org.) Estudos lingüísticos de orientação funcionalista. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007. 1 CD-ROM. P.362-372.

SAINT-PIERRE, M. *Illocutoire et modalisation: les marqueurs d'intensité en français*. Revue québécoise de linguistique, v. 20, n. 2, 1991, p. 223-236.

TOLONEN, T. S. *Epistemic Modality and Academic Writing*. Comunicação apresentada no XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Zürich, Suíça, 1992.

ANEXOS

1)



- Quem poderia ser "ela" a quem a personagem se refere no primeiro quadrinho?
- Qual é o significado de *aventura*, no segundo quadrinho?
- Por que a personagem pede calma à outra no último quadrinho?
- Entre as palavras em destaque no quadro a seguir, quais indicam, na tira, características, nomes ou processos?

disse escrever aventura arranjado pior

- Que palavra é empregada no último quadrinho para estabelecer uma ligação entre um elemento e sua característica?
- Encontre, na tira, expressões que indiquem ação ou processo e que sejam formadas por duas palavras.

(KANASHIRO, 2007, p. 86)

2)

- Leia a tira a seguir.



- Identifique na tira um verbo que indique certeza, um que indique uma hipótese e outro que indique uma ordem ou pedido.

(KANASHIRO, 2007, p. 232)

3)

4. Leia a tira.



- a) No primeiro quadrinho, o emprego do futuro do pretérito do indicativo do verbo *ganhar* é coerente com o contexto? Por quê?
- b) Eddie usa o presente do indicativo do verbo *ganhar*. O que o emprego desse modo indica?
- c) Explique por que o tempo verbal empregado por Eddie mostra que ele não compreendeu bem a fala de Helga.
- d) A fala de Eddie indica também que ele considera a fala de Helga um elogio para Hagar. Por quê?

(KANASHIRO, 2007, p. 248)

4)

5. Leia a tira.



- a) A palavra **se**, normalmente, indica uma possibilidade. Indique a possibilidade que as personagens apresentam.
 - b) Que modo verbal é empregado para indicar essa possibilidade?
 - c) Que tempo do indicativo é empregado para indicar o que ocorreria se a possibilidade mencionada se realizasse?
- (KANASHIRO, 2007, p. 62)

5)

Conjugação

■ Leia a tira a seguir.

MAFALDA



- Mafalda está conjugando o verbo *confiar*. Que alterações o infinitivo sofre nessa conjugação?
- A quem ela se refere quando fala em bando de ingênuos?
- No poema que abre a próxima página, o verbo *cantar*, na 1ª pessoa do singular, recebe a terminação *o*, como o verbo *confiar* na tira. Considerando o contexto do poema, identifique o tempo e o modo em que esses verbos estão conjugados.

KANASHIRO, 2007, p. 243)

6)

Pratique

1. Leia a tira com atenção.

MINDURM



CHARLES M. SCHULTZ



- Charlie Brown levanta algumas hipóteses. Quais são elas?
 - Em que modo estão os verbos usados por ele?
 - O cão menciona um fato certo. Qual?
 - De que fato o cão tinha certeza, mas, após as reflexões de Charlie Brown, revelou-se para ele uma dúvida?
- (KANASHIRO, 2007, p. 93)